



EDUCAÇÃO

Militarização na mira

Erros de grafia e denúncias de assédio sexual levantam questionamentos sobre o impacto das escolas cívico-militares

» LETÍCIA CORRÊA*

Casos recentes ocorridos em escolas cívico-militares voltaram a levantar questionamentos sobre o modelo e o seu impacto na educação dos alunos. Professores e entidades criticam a rigidez das regras e apontam que não há evidências de maior sucesso escolar nessas instituições. Também preocupa os casos de violência que já foram registrados, e a conduta de alguns dos militares envolvidos. Por outro lado, a promessa de disciplina e segurança para os estudantes ainda atrai grande parte dos pais.

Em Caçapava, interior de São Paulo, monitores de uma escola ainda em adaptação para o modelo escreveram na lousa com erros de grafia. Palavras como “descançar” e “continência” marcaram o início do ano letivo brasileiro. O monitor corrigiu as palavras após ser alertado pelos estudantes. O caso ocorreu na segunda passada, e um vídeo do ocorrido ganhou as redes, gravado pela TV Vanguarda.

Após a repercussão negativa, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, saiu em defesa dos monitores, que são policiais militares reformados. “Quem não erra? Você trabalha com comunicação, você nunca errou? Ele estava ensinando a ordem unida. Ele não está lá para dar aula. Ele não vai interferir na pedagogia. Ele está lá para ensinar postura”, afirmou, em entrevista para o mesmo canal de TV.

Na avaliação do doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professor da rede pública Gabriel Petter, não há como generalizar uma situação isolada, mas o “deslize” pode revelar que a seleção dos militares que atuam como monitores pode não ser tão rigorosa. “Da mesma forma que professores, talvez, não sejam as pessoas mais indicadas no combate à criminalidade nas ruas, policiais não são profissionais adequados para lecionar, pois, certamente, eles não recebem formação pedagógica nos quartéis”, disse.

Reprodução/TV Vanguarda



Monitores em uma escola cívico-militar de São Paulo escreveram palavras com erros de grafia na lousa durante o primeiro dia de aula

Nesse modelo de gestão, professores ficam responsáveis pelo conteúdo e pela administração da escola, e militares monitoram os estudantes, possivelmente recebendo remuneração superior ao piso do magistério.

Mesmo assim, grande parte dos pais e responsáveis buscam essas instituições. “Elas surgem como um modelo que promete sobretudo a questão da segurança e do aprendizado de valores tais como a ‘disciplina’, que seduz muitos pais”, relata Petter.

Accionado pelo **Correio** para comentar o caso, o Ministério da Educação (Mec) explicou, em nota, que

não tem participação em nenhuma escola cívico-militar desde o fim do Programa de Fomento às Escolas Cívico-Militares (Pecim), descontinuado de forma gradual em julho de 2023. “Deste modo, a partir de 1º de janeiro de 2024, todas as escolas cívico-militares criadas pelo Decreto 10.004/19 deixaram de existir. Com o fim do Pecim, não existe fomento por parte do Mec para iniciativas de escolas cívico-militares”, escreveu a pasta. As escolas atuais que seguem o modelo são de responsabilidade dos estados, como São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais e Paraná, que optaram por mantê-las em funcionamento.

Denúncias graves

Também na semana passada, reportagem da BBC News Brasil identificou pelo menos quatro denúncias de abusos contra estudantes em escolas cívico-militares do Paraná, que foram alvo de investigação policial, todos sob sigilo, e resultaram em demissões. Uma das ocorrências é de 2023 e envolve um grupo de nove meninas, com idades entre 11 e 13 anos, que denunciaram que um funcionário militar teria tocado partes de seus corpos, incluindo o seio de uma delas, em diferentes datas, dentro de uma escola em Cornélio

Procópio, interior do estado.

Após os relatos, o monitor continuou trabalhando no local. Foi desligado apenas no ano passado. O governo do estado disse à BBC que mantém política de zero tolerância a qualquer forma de assédio ou violência no ambiente escolar e que já houve demissões em 14 casos.

O modelo é um dos “carros chefes” do governador do Paraná, Ratinho Júnior. “Pesquisas com pais e responsáveis dessas escolas mostram índices de aprovação de cerca de 89%. Entre os professores e pedagogos, a satisfação chega a 90,4%. Muitas famílias nos trazem

este retorno: estão muito satisfeitas em saber que seus filhos frequentam um ambiente escolar pacífico, onde as regras de boa convivência são estimuladas”, disse o secretário da Educação do estado, Roni Miranda.

Atualmente, o Distrito Federal mantém 25 escolas que participam da política civil e militar. O governador Ibaneis Rocha prometeu, no final do ano passado, dobrar esse número. De acordo com a Secretaria de Estado de Educação do DF, as escolas de gestão compartilhada registraram avaliação positiva superior a 80% entre a comunidade escolar. Nas 11 unidades analisadas, o índice variou de 81,38% a 98,3%.

Entidades, porém, discordam do modelo e dos resultados aparentemente positivos. “Essa avaliação precisa considerar, por exemplo, qual é o impacto da imposição da disciplina militar sobre a infância e adolescência em sociedades que pretendem consolidar relações democráticas, como a brasileira. Precisamos saber, também, como esse modelo repercute na aprendizagem e no entorno dessas escolas”, alertou o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOSP).

O Comitê de Direitos da Criança (CDC) das Nações Unidas, em 2025, recomendou que o Brasil deveria proibir a militarização das escolas públicas. A manifestação ocorreu após uma denúncia de parlamentares do PSol de São Paulo sobre o programa do governo Tarcísio. A legenda também acionou o Supremo Tribunal Federal (STF).

Lucas Rosin, do Esquerda em Movimento, afirmou que o modelo executado por governadores de direita está retrocedendo o país, “movendo-nos em direção a um sistema educacional que reprime a criatividade e o pensamento crítico, em vez de fomentar a autonomia e a liberdade”.

***Estagiária sob a supervisão de Victor Correia**

Camilo exalta governo na volta às aulas

» RAPHAEL PATI

O ministro da Educação (Mec), Camilo Santana, exaltou, ontem, as ações do governo federal e destacou que a taxa de alfabetização das crianças brasileiras passou de 36%, antes do atual mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, para 60% ainda em 2024. O dado oficial do Mec, no entanto, mostra que a taxa naquele ano foi de 59,2%, abaixo da meta da pasta, que era justamente chegar a

60%. O levantamento considera o número de crianças alfabetizadas até os 7 anos.

O ministro aproveitou a volta às aulas nas mais de 180 mil escolas públicas espalhadas pelo país para fazer um pronunciamento na cadeia nacional de rádio e televisão na noite deste domingo. Logo de início, o chefe da pasta destacou o sucesso da restrição do uso de celulares dentro de sala de aula, ao mesmo tempo em que houve investimento para aumentar a

conexão à internet nas instituições.

“O governo do Brasil ampliou significativamente a conectividade das escolas públicas, que passou de 45% em 2023 para 70% em 2026. Hoje, 96 mil escolas já contam com parâmetros adequados de internet para uso educacional. Esse é apenas um exemplo da evolução da educação do Brasil dos últimos anos”, destacou o ministro.

Santana também comentou sobre o programa Pé-de-Meia, que paga R\$ 200 mensais a estudantes

de baixa renda do país durante o Ensino Médio, além de R\$ 1 mil no final desse período. Ele afirmou que a iniciativa já conta com quase 6 milhões de jovens beneficiados e trouxe resultados concretos contra a evasão da sala de aula.

“O abandono escolar entre jovens caiu pela metade, assim como o atraso escolar, com mais estudantes na idade adequada para a série”, reforçou.

De acordo com o ministro, a participação no Exame Nacional

do Ensino Médio (Enem), que completa 28 anos em 2026, cresceu 40% desde o início do governo atual. O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) deste ano, segundo ele, é o “maior da história”, com uma oferta de 5 mil vagas envolvendo diferentes áreas do conhecimento, como ciência, tecnologia, engenharia e matemática. “São muitas notícias boas que tornam ainda mais especial essa volta às aulas”, comemorou.

O pronunciamento de Camilo

Santana teve um tom de despedida do governo Lula, já que ele deve deixar o Mec no próximo mês de abril para ajudar nas campanhas de reeleição do presidente da República e do governador do Ceará, Elmano de Freitas (PT), que no momento segue atrás do adversário Ciro Gomes (PSDB) nas principais pesquisas para o estado. O partido ainda cogita lançar o ministro como candidato, caso a popularidade de Elmano fique mais desgastada.

FOLIA

Confusão marca pré-carnaval paulista

No segundo dia de pré-carnaval em São Paulo, o DJ escocês Calvin Harris, conhecido pelos sucessos internacionais Summer e Feel So Close, foi a principal atração do Bloco Skol, que tomou a avenida principal do bairro da Consolação, na região central da capital paulista. O show, no entanto, foi marcado pela superlotação e por confusões no local, incluindo confronto com a Polícia Militar.

Levados às pressas pelas equipes de segurança, os foliões que passaram mal durante o show tiveram dificuldades para sair do local, com os bombeiros tendo que afastar o público para abrir espaço aos veículos de resgate. Além disso, imagens do bloco

mostram pessoas, inclusive, acima de banheiros públicos — um retrato da superlotação, a exemplo do show de Ivete Sangalo no bloco Quem Pede, Pede, que reuniu 1,2 milhão de pessoas na tarde de sábado.

A Polícia Militar informou que, por conta do excesso de público, o efetivo precisou ser intensificado na região. Já a Prefeitura de São Paulo destacou, em nota, que a superlotação fez com que a administração liberasse as vias de acesso como áreas de escape e determinasse a retirada de gradis para melhorar a mobilidade dos foliões. “A prefeitura informa ainda que os postos médicos operaram para o

atendimento de pessoas que procuraram o serviço”, informou o órgão, concluindo que não houve ocorrência grave.

Além do DJ escocês, o bloco também contou com Zé Vaqueiro, Xand Avião, Nattan e Felipe Amorim. Este último, inclusive, pediu reforços de segurança no local para que houvesse um atendimento médico a uma pessoa que sentiu mal-estar. “Gente, por favor, tem uma mulher passando mal aqui. Por favor, o Corpo de Bombeiros, aqui”, gritou o cantor.

No mesmo bloco, policiais do Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP), da Polícia Civil de São Paulo, vestiram-se de “Caça-Fantasmas” para prender

uma mulher que furtou 12 celulares durante o evento. “A mulher, que atuava como ‘guardiã’ dos aparelhos furtados pelos comparsas, foi flagrada pelos agentes que estavam no meio dos foliões”, destacou a corporação, em nota.

Os policiais fantasiados também prenderam um homem e uma mulher que tinham furtado quatro celulares cada, e um outro jovem que tinha consigo dois aparelhos e uma corrente de ouro roubados. Ao todo, a PCSP prendeu 20 criminosos durante o fim de semana de pré-carnaval na capital paulista. Além da Polícia Civil, a PM também reforçou o efetivo, com cerca de 5,2 mil agentes e 2,5 mil viaturas. (RP)

FELIPE MARQUES/ESTADÃO CONTEÚDO



Superlotado, Bloco Skol teve conflito com a PM e casos de mal-estar